

Conclusões 7º Seminário – Castelo Branco

Política e procedimentos de avaliação das aprendizagens

A grande maioria das escolas (no caso do segundo ciclo) privilegia a avaliação aferida, ou seja a utilização de testes iguais para todas as turmas, ao longo do ano. Posteriormente, a equipa da avaliação interna, faz um pequeno estudo estatístico dos resultados, comparando-os com os obtidos em anos anteriores. São apresentados nas diferentes estruturas intermédias e divulgados a todos os professores para que possam ser objeto de reflexão.

Fez-se referência a dois projetos, relacionados com disciplinas estruturantes: “Matemática Elementar” e “Oficina da Língua”. No primeiro caso, mensalmente, o professor indica os alunos com mais necessidades de apoio pedagógico para frequência de uma aula extra, com atividades direcionadas, de modo a colmatar deficiências em conceitos matemáticos elementares. No segundo caso, o projeto funciona como um clube que os alunos frequentam voluntariamente e onde se desenvolvem práticas de escrita.

É prática das escolas, muitas vezes em workshops, analisar os resultados obtidos ao nível dos exames, testes intermédios e provas de aferição e refletir sobre os aspetos menos positivos, com vista a elaborar estratégias para ultrapassar as dificuldades. Analisados os resultados e a sua posição face à média nacional, as decisões a tomar podem inclusivamente ter efeito na distribuição de serviço, numa tentativa de potenciar os resultados.

A definição de critérios de avaliação específicos, de acordo com os diferentes domínios, conduz à diminuição da subjetividade na avaliação e a um maior rigor e justiça na sua aplicação.

Ficou claro que a associação de diferentes intervenientes potencia os resultados através da sua interação. Por exemplo, o Plano da Matemática, o Plano Nacional de Leitura, em articulação com o Estudo Acompanhado e com a Biblioteca Escolar, o trabalho desenvolvido nos clubes e projetos ligados à comunidade, muitas vezes com aplicação direta, são meios utilizados para o desenvolvimento integral do aluno.

Todas as estratégias que conduzam à criação de cumplicidade com os alunos, no que se refere à melhoria dos seus resultados e à criação de disponibilidade para aprender, conduzem ao sucesso educativo.

Revelou-se também importante a auscultação dos alunos em reuniões informais, como as assembleias de turma, relativamente às suas expectativas e à recolha de sugestões de estratégias de trabalho, com vista a potenciar os resultados.

Mencionou-se também outra prática – Turma + – que funciona em várias disciplinas, concretamente Língua Portuguesa, Matemática e Inglês. Formam-se pequenos grupos homogêneos, de acordo com um determinado nível de desempenho, que abandonam a sala de aula e frequentam uma aula paralela, onde desenvolvem atividades (enriquecimento/recuperação) adequadas às competências que se pretendem desenvolver. Todos os alunos passam por estes grupos.

Colocou-se a tónica na importância da continuidade pedagógica, dentro do mesmo ciclo, como meio de favorecer laços mais fortes e também de responsabilizar o professor pelos resultados de final de ciclo. Defendeu-se a criação de equipas de trabalho que se mantivessem ao longo do ciclo, para acompanhar as turmas mais difíceis. Não pode haver rigidez na distribuição do serviço: os critérios pedagógicos têm que ser conjugados com o perfil do professor que, em conjunto, podem ou não determinar a continuidade. O importante é perceber o que é pedagogicamente mais correto.

Os resultados não podem ser vistos de forma cega, mas avaliados em função do ponto de partida e do ponto de chegada de cada escola.